



DE MANZONI A ECO: AS VÁRIAS FACETAS DO ROMANCE HISTÓRICO NA ITÁLIA

CARLOS, Ana Maria (UNESP/Assis)¹

RESUMO: O trabalho busca apresentar um panorama do romance histórico italiano partindo dos estudos de três importantes críticos italianos, Margherita Ganeri, Giorgio Bàrberi Squarotti e Ermanno Paccagnini. O nascimento do gênero na Itália se deu em 1827, momento em que, motivado pelos ideais revolucionários do Romantismo, Alessandro Manzoni escreve sua obra-prima *I promessi sposi*, um romance “misto de história e de invenção”. Incluindo ao modelo scottiano de romance histórico uma visão de mundo católica, Manzoni buscou, em acontecimentos histórico-políticos do passado, protótipos de heróis e de glórias que pudessem acender os ideais patrióticos na mente dos leitores. Nas décadas posteriores, durante o Naturalismo e o Verismo, o gênero entra numa espécie de hibernação, pois a discussão sobre a representação histórica em literatura cede espaço ao debate sociológico, uma vez que a preocupação dos escritores não era mais propagar as falsificações da historiografia oficial e sim denunciar as mazelas sociais sofridas pelas populações carentes. Uma visão desiludida da história irá marcar o ressurgimento do gênero na Itália no início do século XX, quando são produzidos os chamados romances anti-históricos que, em sua maioria, adicionavam outros discursos em sua composição, como o diário e a autobiografia. É, porém, durante a chamada era da Pós-Modernidade que acontece o *boom* do novo romance histórico, marcado sobretudo pelo lançamento, em 1980, da obra *Il nome della rosa*, de Umberto Eco.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura italiana; romance histórico; memória.

RESUMEN: Es finalidad de este trabajo presentar un cuadro de la novela histórica italiana, a partir del estudio de tres importantes críticos italianos, Margarita Ganeri, Giorgio Bàrberi Squarotti y Ermanno Paccagnini. El nacimiento de dicho género en Italia ocurrió en 1827, momento en que, en función de los ideales revolucionarios del Romanticismo, Alessandro Manzoni publica su obra prima *I promessi sposi*, novela que es “mezcla de historia e invención”. Superponiendo al modelo scottiano de novela histórica una visión de mundo católica, Manzoni buscó, en los sucesos histórico-políticos del pasado, prototipos de héroes y de glorias que pudieran insuflar ideales patrióticos en la mente de los lectores. En las décadas posteriores, durante el Naturalismo y Verismo, el género pasa por una especie de hibernación, pues la discusión sobre la representación histórica en literatura cede espacio al debate sociológico, una vez que la preocupación de los escritores ya no era la de propagar las falsificaciones de la historiografía oficial, sino denunciar los males sociales sufridos por las camadas más humildes de las poblaciones. Una visión desilusionada

de la historia irá marcar el reaparecimiento del género en Italia a principios del siglo XX, cuando entonces se producen las llamadas novelas antihistóricas que, en su mayoría, añadían otros discursos a su composición, como el diario y la autobiografía. Pese a ello, es en la llamada era de la Postmodernidad que adviene el *boom* de la nueva novela histórica, accionado sobre todo por el lanzamiento, en 1980, de la obra *Il nome della rosa*, de Umberto Eco.

PALABRAS-CLAVE: Literatura italiana; novela histórica; memoria.

Northrop Frye, quando de sua análise do romance de Walter Scott, afirmou que o gênero romance histórico sempre aflora em períodos de crise, quando velhas concepções de mundo entram em choque com novos posicionamentos históricos e sociais. Certo ou não, verdade é que, desde seu surgimento, o romance histórico sempre manteve uma identidade literária incerta, como sustenta Margherita Ganeri (1999), continuamente considerado um gênero híbrido, mistura de história e ficção, de literatura e paraliteratura, de discurso político e discurso didático, meio de difusão das ideologias patrióticas e instrumento de luta política. Sobre a própria data de origem do gênero, há controvérsias. Por um lado, existem aqueles que promulgam seu nascimento já dentro do século XVII, com base na semelhança existente entre o romance romântico e a novela picaresca, o romance heróico, o pseudomemorialista e o gótico. De outro, há os que dão seu início ao romper do século XIX, com os romances de Walter Scott. Porém, ainda que a história tenha sido central para os gêneros anteriores mencionados acima, só no romance romântico de base scottiana é que surge a vontade de apontar as omissões e falsificações da historiografia oficial (GANERI, 1999, p. 27-28).

No caso italiano, foram as motivações políticas e ideológicas do período da Restauração a impulsionar os autores em direção ao resgate da história nacional através de um gênero bastante popular, o romance. O ano de nascimento do romance histórico na Itália foi 1827, com a publicação de três romances: *Il castello di Trezzo*, de Giovan Battista Bazzoni (1803-1850), *La battaglia di Benevento*, de Domenico Guerrazzi (1804-1873), e *I promessi sposi*, de Alessandro Manzoni (1785-1873), o único dos três a ser considerado obra-prima. Além do famoso romance, Manzoni também contribuiu para a discussão sobre o gênero com seu ensaio intitulado *Del romanzo storico e in genere de' componimenti misti di storia e invenzione*, escrito entre 1828 e 1831, mas publicado somente entre 1845 e 1850. Manzoni pretendia com ele responder às críticas dos opositores ao novo gênero que surgia, os quais criticavam seu caráter híbrido por acreditarem que, longe de "tornar a ficção mais útil e a história mais agradável", obtinham, ao final, "a banalização tanto do deleite da ficção quanto da utilidade da história" (ZAIOTTI, apud GANERI, 1999, p. 36). O estudo de Manzoni começa assim:

O romance histórico está sujeito a duas críticas diferentes e diretamente opostas; e como dizem respeito não a algo acessório, mas à própria essência de tais composições, expô-las e examiná-las parece-nos uma boa maneira, se não a melhor, de entrar sem rodeios no cerne da questão. Alguns lamentam de que neste ou naquele romance histórico, nesta ou naquela parte de um romance histórico, a verdade positiva não esteja bem separada das coisas inventadas e que, por conseqüência, acabe faltando um dos efeitos principais de tal composição, que é aquele de dar uma representação verdadeira da história. [...] Há, porém, como dissemos desde o início, outros que querem exatamente o contrário. Lamentam-se de que neste ou naquele romance histórico, nesta ou naquela parte de um romance histórico o autor separa expressamente a verdade positiva da invenção: e que isso, dizem, destrói aquela unidade que é sua condição Vital, como a de qualquer trabalho artístico. (MANZONI, 1999, p. 1-2)²

Posteriormente, porém, o próprio Manzoni passou a ver com reservas esse gênero, acreditando que somente a pesquisa historiográfica fosse capaz de recuperar a verdade positiva. Por outro lado, como aponta Squarotti (1995, p. 20), Manzoni temia também que o romance histórico viesse a se constituir numa perigosa história alternativa, que, diferente daquela oficial, acabasse por oferecer um consolo aos leitores, identificados com aqueles personagens esquecidos pela historiografia, mas reabilitados no romance, encobrando dessa forma a nua realidade dos fatos, como a sugerir que apenas na literatura pudesse haver justiça neste mundo.

Nas décadas seguintes, o romance histórico clássico vai perdendo força, transforma-se radicalmente, tornando-se muitas vezes objeto de paródias e sátiras, como a que escreve Cletto Arrighi (1830-1906), em 1863, intitulada *Gli sposi non promessi. Perifrasi a contrapposti dei "Promessi sposi"*. Veículo privilegiado do ideário da Restauração, o gênero romance histórico começa a declinar à medida que cresce a consciência da verdadeira situação econômica, social e cultural do país depois da unificação. Nas palavras de Ganeri, a filosofia patriótica sofre como que uma involução retórica. Influenciada pela literatura francesa, sobretudo por Balzac, surge, na literatura italiana na segunda metade da década de 40, uma nova tendência de romance histórico, que tem em Niccolò Tommaseo (1802-1874) e Ippolito Nievo (1831-1861) seus maiores representantes. No romance *Fede e bellezza* (1840), de Tommaseo, a verdade histórica é respeitada; não existem personagens inventados, mas o ponto de vista muda: o narrador deixa de ser onisciente, passando a ser uma testemunha dos fatos. A mesma linha testemunhal da história é desenvolvida por Nievo, no romance *Confessioni di un italiano*, publicado postumamente, em 1867, com o título *Confessioni di un ottuagenario*. Na forma de confissão autobiográfica, conforme as palavras de Squarotti, a história se torna "verdadeira" porque o memorialista, ainda que simulado, esteve presente, participou dela.

A partir da difusão das idéias positivistas, descrever o real da maneira mais impessoal possível a fim de denunciar as mazelas sociais torna-se meta dos escritores naturalistas e veristas. De modo que o caráter de denúncia da literatura romântica continua. Porém, se a denúncia romântica tinha como objetivo maior desmascarar a parcialidade no registro historiográfico, sempre a serviço dos poderosos, a dos escritores veristas eram utilizadas como maneira de educar as massas, retomando, dessa forma, o discurso didático que também estava presente no romance histórico romântico. Mas a discussão sobre a representação da história na literatura perde espaço agora para o debate sociológico. Mas, ainda assim, o romance histórico se mantém na Itália durante o período verista, pelo menos com o romance *I Viceré*, publicado em 1894 por Federico De Roberto (1861-1927). Após ter sido ignorado pela crítica e pelo público durante muito tempo, o livro é hoje considerado um dos mais importantes da literatura italiana moderna. Foi contestado por Verga justamente pelo espaço que o escritor napolitano deu em seu romance à reconstrução histórica. As linhas gerais da obra nos são dadas por Squarotti (1989, p. 451):

[De Roberto] elaborou um poderoso afresco de uma antiga família aristocrática siciliana captada em sua desagregação física, moral e econômica, mas ainda em condições, com alguns de seus elementos, de deter o poder camuflando-se e adaptando-se aos novos tempos: a condenação que, apesar da aparente neutralidade do narrador, transparece em relação à corrupta família protagonista, envolve então toda a sociedade, a qual, após a unificação, se pretende renovada e melhorada; pelo contrário, ela conservou e ampliou seus males, segundo uma avaliação abrangente negativa da situação italiana e que é comum a estes escritores veristas.

Já Margherita Ganeri julga o romance derobertiano inclassificável quanto ao gênero. Segundo a estudiosa, a maior parte da crítica não considera *I Viceré* um romance histórico por causa da ideologia negativa e antiprogressista veiculada pela representação dos eventos. Para outros, entre os quais Ganeri cita Gianni Grana, um romance histórico só pode ser assim considerado se entre o tempo da narrativa e o tempo da escritura houver um distanciamento considerável, o que não ocorre em *I Viceré*. É só na crítica contemporânea que a questão volta a ser discutida. Vittorio Spinazzola, especialista no autor, considera o romance derobertiano anti-histórico. Em sua análise, Spinazzola demonstra que o modelo seguido por De Roberto é Manzoni, ainda que ele surja saqueado. Para Ganeri, o romance da restauração não seria só um modelo, mas um alvo:

Na forma indireta da paródia, o escritor contesta a filosofia historicista e, por esse caminho, acaba por negar também a concepção positivista de progresso histórico.

Uma idéia de Spinazzola a este respeito é que dentro do arco cronológico que corre entre *I Viceré* e *Il Gattopardo* seja visível uma progressiva banalização das instâncias narrativas e da própria estrutura romanesca. Isso nos leva a pensar que o processo de simplificação literária comporte um empobrecimento do módulo anti-histórico em prol de formas consumistas de fácil fruição. As vicissitudes críticas dos dois livros, opostas a ponto de *I Viceré* ter sido ignorado e *Il Gattopardo* ter obtido, ao contrário, um ostentoso sucesso ao menos de público senão de crítica, confirmam plenamente tal idéia que, todavia, contém o risco de um vício prospectivo. (GANERI, 1999, p. 74).

A representação desiludida da história parece colocar *I Viceré* como protótipo do novo romance histórico, que só será amplamente desenvolvido a partir da segunda metade do século XX. O romance derobertiano foi adaptado ao cinema por Roberto Faenza em 2006. Em entrevista durante as filmagens, Faenza afirmou que *I Viceré* o havia atraído pela capacidade que teve de retratar a realidade italiana, de mostrar a habilidade de seu país para simular transformações que deixam tudo exatamente igual, frase que encerra também o mencionado romance de Lampedusa: “Se queremos que tudo permaneça como está, é preciso que tudo mude”.

O debate sobre a representação literária da história não irá recuperar seu fôlego no início do século XX. Por isso, é também na linha anti-histórica que se pode inserir o romance *I vecchi e i giovani* (1908), de Luigi Pirandello (1867-1936). Nele, segundo a análise de Squarotti (1995), a escolha funcional de um evento histórico se alia à busca dos sinais da falência definitiva de todos os heroísmos, das esperanças, dos sonhos e das aspirações da Restauração. Os personagens históricos, escondidos atrás de nomes fictícios, não seriam, segundo o crítico, alternativos àqueles da história, mas atores dos fatos da história. O próprio Pirandello não analisa seu romance como sendo histórico, preferindo considerá-lo um “romance da sicilianidade”. Roberto Barilli, em 1964, em seu livro *La barriera del naturalismo*, julga o livro de Pirandello como sendo uma “estilização maneirista sobre o corpo da temática verista” (apud GANERI, 1999, p. 89). Nem representação nihilista, nem anti-histórica, mas representação do caos.

Il Gattopardo, romance de Giuseppe Tomasi, príncipe de Lampedusa, publicado em 1958, recebeu da crítica as seguintes definições quanto ao gênero em que se inscreveria: romance histórico, romance político, romance autobiográfico-psicológico nas vestes de romance histórico, romance histórico paródico. Sobre as razões do imenso sucesso alcançado pelo romance, Ganeri vê certa nostalgia, na qual estariam projetadas as frustrações da pequena-burguesia derrotada, nos anos do *boom*, pela grande burguesia capitalista:

Recordar com saudade da aristocracia significa evocar a perdida identidade humanística que não é mais apanágio da classe dominante. Sob este perfil, “o arquétipo do narrador onisciente” não marca tanto o cansaço de uma última ramificação literária, mas é o início de um modelo literário novo. (GANERI, 1999, p. 98).

Se até aqui segui os dados fornecidos por dois importantes críticos do romance histórico, Margherita Ganeri e Giorgio Bárberi Squarotti, para a classificação do novo romance histórico seguirei as indicações apresentadas por Ermanno Paccagnini no ensaio *La fortuna del romanzo storico (appunti per una storia)*, de 1995, por considerá-lo mais abrangente. Segundo o crítico, haveria duas datas importantes a serem consideradas em relação ao romance histórico contemporâneo. A primeira seria 1958, que marca a publicação do romance de Lampedusa; a segunda, vinte anos depois, no ano de 1980, com o lançamento do romance *Il nome della rosa*, de Umberto Eco. Para Paccagnini, é a manipulação do material histórico que uniria ambos os romances. No caso de Lampedusa, a manipulação histórica seria executada através de uma vertente fantástica que, em vez da falsificação, preferiu uma representação temporal ambígua, que oscila entre o ontem e o hoje da reunificação nacional e uma atemporalidade de fundo. Mais do que debates sobre o gênero, o romance de Lampedusa provocou, na verdade, questionamentos sobre o seu caráter ideológico, a ainda hoje a crítica se pergunta se o romance é de esquerda ou de direita.

Paccagnini entende como romance histórico aquele em que a narração opera *sobre* e *com* materiais históricos com certa coerência, não importando o grau de manipulação. Segundo o crítico, a partir do pós-guerra, o romance histórico passou por três fases. A primeira, que vai de 1945 a 1963, denominada por ele de momento “dentro da tradição”, conteria um pouco de tudo: o respeito ao gênero e a sua depreciação; o retorno nostálgico, a história revisitada apenas como instrumento de apoio ou em função de polêmicas atuais e assim por diante. O gênero, graças ao sucesso que conquistou, gerou, porém, uma polêmica: será que não estaria gerando um otimismo em relação à história, como aquele do neo-realismo? Como romance principal dessa fase, Paccagnini aponta o próprio *Il Gattopardo* de Lampedusa.

De 1959 a 1963, que Paccagnini ainda considera como primeira fase, é o momento de desestruturação do gênero. Ainda que aparentemente lhe introduza sangue novo, pela capacidade de manipular materiais históricos com soluções inusitadas, é do interior que passam a desestruturá-lo. Um dos romances importantes desse período seria *L'armi l'amore*, de Emilio Tadini, publicado em 1963, romance histórico-épico. De acordo com Paccagnini, é evidente a operação efetuada por Tadini:

[...] utilizar o romance histórico-épico como instrumento a ser esvaziado em si mesmo e como estratégia para chegar a um esvaziamento análogo da própria História [...]. ‘Histórico’

torna-se aqui homólogo a 'Real' e, como ele, é despotencializado de seu poder de certeza que lhe conferiria o já ter acontecido e já estar codificado. (PACCAGNINI, 1995, p. 99).

A segunda fase corresponde ao período que vai de 1963 a 1978, chamado pelo crítico de anos do "romance submerso". Renato Barilli, nas discussões dentro do Gruppo '63, sugere que a sobrevivência da narrativa só seria possível por meio da permanência nos gêneros mais consolidados, particularmente os romanescos e de consumo, para revirá-los por dentro através de um caminho imitativo-paródico e desmistificante. De acordo com Paccagnini, só Italo Calvino, mesmo assim em outra acepção, aceitou o desafio. Se pouco mudara no âmbito do romance de uma maneira geral durante o mencionado período, com relação ao romance histórico, algumas soluções diferentes foram encontradas por autores como Leonardo Sciacia, que cria romances histórico-policiais e histórico-documentais, e Guido Morselli, com sua manipulação histórica do "possível". A linha de romance investigativo e documental de Sciacia leva em consideração, sobretudo, cartas e atos processuais, que são lidos e decifrados a fim de identificar os sinais de falsificação histórica.

A terceira e última fase, que se desenvolve de 1978 em diante, marca a fase da volta e do *boom* do romance histórico. Como romance mais característico da fase, temos *Il nome della rosa*, de Eco, publicado em 1980. No momento de máxima atividade das Brigadas Vermelhas, bem no auge da pós-modernidade, Eco escreve um romance no qual mistura vários gêneros e várias linguagens. Para Ganeri, esse retorno "triumfante" é um fenômeno bastante difícil de explicar, e aponta como responsável primeiramente a nova estrutura do mercado editorial que, com sua política de concentração de capital, é capaz de promover grandes campanhas publicitárias, estimulando, assim, o grande sucesso de vendas de seus "produtos"; além disso, o novo romance histórico, por sua característica plurigenérica, segundo a crítica, seria o tipo de romance mais apropriado para conquistar novas faixas de leitores, por ser capaz de responder às mais variadas expectativas dos consumidores. Já para Paccagnini, o fenômeno se deve, além das razões apontados por Ganeri, ao renascimento da "fome" de narração, com a narrativa procurando reconquistar seu espaço através da recuperação do próprio prazer de narrar. Já para Squarotti (1995), seriam quatro os itens que explicariam o retorno do romance histórico:

- (i) a perda da credibilidade, de fervor, na possibilidade de desenvolvimento do presente, na crença mais ou menos confessada de que o futuro é mudo, porque todas as expectativas revelaram-se falazes e a história não levou de fato a nenhuma mudança, nem na Itália nem no mundo, onde continuam a se repetir as guerras locais, os massacres, os golpes de estado totalitários;

- (ii) o fim das ilusões não pode ser objeto de narração porque a ideologia oficial de esquerda continuou, até pouco tempo atrás, a apresentar as imagens do triunfo já efetivado do socialismo na União Soviética e do necessário avanço, em perspectiva, do mundo em direção à libertação do capitalismo e à instituição de regimes populares. A desilusão histórica é objeto narrativo a ser tratado com prudência, sem tocar a substância do perspectivismo histórico de esquerda e, sobretudo, sem deixar de expor claramente identificados o bem e o mal no socialismo e no capitalismo, em abstrato, como cada vez mais em abstrato, se propõe o Fascismo como momento histórico e ideológico totalmente negativo;
- (iii) a invenção, na época presente, tem pouco espaço – por isso a volta ao passado;
- (iv) após a falência das expectativas da história, o presente aparece destituído de valor, mas o escritor hoje, com todos os discursos que foram feitos sobre a necessidade de dessublimar a literatura, não está mais apto a propor paradigmas altos ou modelos heróicos de rebelião em oposição à mediocridade do presente. O presente se mostra, então, como o espaço da mediocridade definitiva: e então o narrador procura viajar no tempo, seja para procurar as raízes de tal condição de achatamento e envilecimento da história e da vida, seja para indagar se antes houve homens e idéias exemplares ou para verificar que tudo sempre foi igualmente tétrico e negativo e não existe nenhuma possibilidade de conforto ou de resgate.

Como consenso, o romance histórico na era da pós-modernidade se apresenta, na maior parte das vezes, como romance anti-histórico, no sentido de que apresentam a desilusão diante do fracasso das revoluções, que a partir da década de 60 do século XX, propunham o aprimoramento da sociedade. A crise das ideologias atinge seu auge na década seguinte, quando tem início a nova era do capitalismo, multinacional e de consumo, abarcando a tudo e provocando todo tipo de desilusões, sobretudo com relação ao futuro da humanidade. É a era do pós-modernismo, em cujo controverso panorama parece haver consenso apenas na oposição que as mais variadas correntes artísticas fazem ao conceito tradicional de história. Com a dissolução dos movimentos culturais, ao final da década de 60 e, sobretudo, com a queda do comunismo, ao término dos anos 80, as sociedades ocidentais têm vivenciado uma crise ideológica, política, econômica e cultural da qual advém

cada vez mais a sensação de caos e de descontinuidade. A história e a historiografia, dentro desse contexto, acabaram por sofrer grandes mudanças:

A nova historiografia, da qual o neomarxismo não é certamente a única expressão, adquiriu a consciência da impossibilidade de uma reconstrução objetiva da história, que não é mais vista como um processo dotado de uma direção, mas como um magma de forças contrastantes, um labirinto do qual não se possui mapas ou bússolas e no qual a possibilidade de se orientar é só episódica e relativa. (GANERI, 1999, p. 13).

Posso agora, para encerrar, depois de passar rapidamente pelas várias facetas do romance histórico, concordar com a frase de Frye que citei no início. O romance histórico parece que, independente da concepção de história que promulgue, adquire mesmo forças em tempos de crise, buscando, nas mais diversas formas, recuperar a memória coletiva quando esta aparenta estar prestes a desaparecer.

NOTAS

- ¹ Professora Assistente do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Assis. Endereço eletrônico: anamcarlos@uol.com.br.
- ² As traduções do italiano no corpo deste trabalho são de nossa responsabilidade.

REFERÊNCIAS

GANERI, Margherita. *Il romanzo storico in Italia: il dibattito critico dalle origini al post-moderno*. Lecce: Piero Manni, 1999.

MANZONI, Alessandro. *Del romanzo storico e in genere de' componimenti misti di storia e invenzione*. Disponível em: <<http://www.liberliber.it/biblioteca/licenze>>. Acesso em: 16 jan. 2003.

PACCAGNINI, Ermanno. La fortuna del romanzo storico. In: VANVOLSEM, S., MUSARRA, F., BOSSCHE, B.V.D. (CUR.) *I tempi del rinnovamento: Rinnovamento del codice narrativo in Italia dal 1945 al 1992*. Roma: Bulzoni; Bruxelas: Leuven University Press, 1995.

SQUAROTTI, Giorgio Bàrberi. Il problema del romanzo storico. In: VANVOLSEM, S., MUSARRA, F., BOSSCHE, B.V.D. (CUR.) *I tempi del rinnovamento: Rinnovamento del codice narrativo in Italia dal 1945 al 1992*. Roma: Bulzoni; Bruxelas: Leuven University Press, 1995.

_____. (Org.) *Literatura italiana: linhas, problemas, autores*. Trad. Nilson Moulin, Maria Betânia Amoroso e Neide Luzia de Rezende. São Paulo: Nova Stella; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro; EDUSP, 1989.